Tinta Negra ou A Culpa

Mateus José

Parte I:

Hugo, O Suicida

capítulo um

A chuva está para o sem-teto como a morte de um filho está para seu pai

Havia algo de não natural naquilo.

Sempre foi dito: os filhos devem enterrar seus pais. Então, quando Amaro observou o caixão de seu filho descer sete palmos, o mundo pareceu seguir um curso reverso. Hipócritas se amontoavam ao redor do lugar onde o corpo de seu filho passaria o resto da eternidade até que os vermes devorassem sua carcaça. Amaro era um desses hipócritas.

Ele chorava, no entanto não possuía esse direito. Ninguém ali possuía. Parecia sujo e aproveitador de sua parte, sendo Amaro um pai imperfeito, ou melhor, longe de ser um pai de verdade. Amaro não queria que aquilo soasse como uma atuação e seu filho visse de só Deus sabe onde.

Trazendo Deus à tona, o suicídio trazia consolações estranhas ao enlutado. Os religiosos não poderiam dizer que Hugo “estava em um

lugar melhor” sendo o suicídio um pecado mortal. Mesmo com esse obstáculo, alguns arriscavam dizer essas mesmas palavras de uma forma embaraçosa enquanto a terra era jogada em cima do caixão de cor marrom, a cor preferida de Hugo. Outros se aproximavam com olhares julgadores, insinuando o fracasso de Hugo em falsificar a felicidade e engolir sua dor, fazendo um reboliço como um velório só seu. Amaro queria estar sozinho, impedir aqueles sádicos de enterrarem a carne morta de seu filho ali.

Amaro se sentou após todas as formalidades e tudo se passou como um flash, mesmo o enterro de Hugo sendo um dos mais torturantes momentos de sua vida.

Era isso. Nunca veria seu filho novamente. Talvez em outro lugar, se a imortalidade da alma fosse de fato algo verdadeiro, o que Amaro realmente queria acreditar, mesmo sua mente não tomando essa possibilidade como verdade.

— Amaro?

A voz veio de uma cadeira atrás dele. Uma voz conhecida que Amaro não gostaria de ouvir naquele momento.

— O que você quer?

Claudia repousou a mão em seu ombro e o gesto causou repulsa em Amaro. Amaro combateu sua vontade de movimentar seu ombro para retirar aqueles dedos, mas não era um bom momento para furdúncios.

— Eu sinto muito.

— Aposto que sente.

— Não apenas por Hugo, gostaria de ter feito tudo diferente — Amaro não precisou virar-se para ver o rosto de sua mãe, pois era notável o nó em sua garganta. —, se eu fosse melhor, talvez você não estivéssemos nessa situação.

— E então o quê? Eu seria um filho melhor? Um pai melhor? E então Hugo não se mataria?

— Você sabe que não foi isso que eu quis dizer...

Amaro contorceu-se para encarar sua mãe, no entanto não conseguia levantar os olhos, marejados com lágrimas salgadas.

— Saía daqui. Já tenho coisas demais na minha cabeça.

Sua mãe queria argumentar, porém sabia que isso em nada a ajudaria. Amaro assistiu a silhueta dela se afastar e por um breve momento queria pedir a ela que voltasse, fosse com ele à sua casa e preenchesse inutilmente o vazio gelado deixado pela ausência de Hugo. Estava

dormindo há dois dias na rua, temendo encontrar a depressão que já havia se concretizado em seu interior refletida em sua casa.

Nessas duas noites, Amaro usava um casaco como travesseiro e o banco da Praça Geraldo Mattos Lima como cama. Era um lugar perigoso no horário noturno, contudo, havia um código de ética até mesmo entre os imorais desde que a notícia do desaparecimento do filho de Amaro inundou os jornais; ninguém poderia fazer mal algum para ele, o que trouxe de brinde um tratamento insuportável de pena das pessoas para com ele.

O funeral foi uma tortura. Todas aquelas pessoas não davam a mínima para Hugo ou o que ele queria se tornar; disso Amaro não tinha como reclamar de si mesmo, sendo ele o maior incentivador dos sonhos de seu filho. Talvez esse fosse seu problema; Amaro o tratava demais como um escritor e menos como um filho. Ele conhecia os ideais de Hugo, inclusive o quanto ele achava funerais inúteis. Hugo acreditava que aquela carcaça prendia seu espírito numa condenação platônica, sua única utilidade era cultuar tudo o que alma lá havia passado. A morte era apenas uma libertação.

Tanto que ele se jogou no rio.

Amaro pedia aos céus por um momento sozinho naquele salão, alguns minutos para refletir, no entanto as pessoas não iriam sair até que

Amaro fosse embora, como algum tipo de apoio invasivo. Ele saiu sem despertar atenção.

Ele se escondeu entre árvores próximas à construção da praça que nunca terminava, esperando os corredores noturnos fazerem suas voltas. Amaro observou por um bom tempo um corredor excessivamente musculoso correr numa velocidade impressionante, também observou uma família de pai, mãe e filho, assim como viu uma mulher carregando uma garrafa d'água. A maioria buscava uma boa saúde, outros encontravam na caminhada uma maneira de saírem de sua gaiola.

Em um horário absurdo, Amaro saiu das trevas de seu esconderijo para se estabelecer em um dos bancos, perto de onde os cigarros eram acessos. Vendo que a figura que se deitava perto do banco deles era o pai da criança suicida, os sujeitos imediatamente se levantaram e saíram dali para deixa-lo sozinho com seus pensamentos. Era impressionante como a escória da sociedade podia entender melhor o luto que os considerados de bem.

As chaves de sua casa tilintaram enquanto ele se movia; um sino preso a ele relembrando do lugar vazio que o esperava. Era começo do outono e o céu se escondia atrás de nuvens escuras que se misturavam com a escuridão da noite, trazendo infinidade ao céu sem estrelas. *Vai chover*, Amaro refletiu, *e eu não quero voltar pra casa*.

Fechou os olhos, tentando não resgatar memórias de seu filho antes dos momentos de surto. Olhos brilhantes e abertos para sonhar, sorriso tímido sempre em seus lábios, sonhos loucos na mente. O coitado herdara a maldição do pai. As páginas e a tinta eram sua droga, as recusas uma reabilitação nada efetiva, as críticas vazias uma humilhação. Amaro não conseguia ver as diferenças entre um viciado e um escritor por alma.

A única diferença era que Amaro teve que se entregar a outras drogas para acalentar sua dor, enquanto Hugo se manteve forte até os últimos momentos de sua vida.

A primeira gota gélida de chuva caíra como uma agulha pontuda.

capítulo dois

Sobre a arte do afogamento

Há algo de belo na morte. O afogamento, das formas de morrer, o mais belo. A água o mais poderoso elemento. O vômito a forma mais expressiva de dor. Amaro exprimia os olhos enquanto toda sua dor era posta para fora em uma contração no seu peito. Em suas pupilas as imagens de seu filho vivo (com sangue pulsando nas veias e a pele sem aquela tonalidade roxa assombrosa) piscavam como estrelas. Aquele corpo gélido posto sobre o mato selvagem em muito se assemelhava a uma arte sádica e feroz.

— É seu filho, senhor?

Amaro balançou a cabeça mentalmente, mas o ato mental não se realizou no mundo físico. Era como estar em um profundo sono em que a pessoa se encontra consciente, porém não possuí forças para abrir os olhos. Era seu filho, mas ao mesmo tempo não se parecia com o ser energético e inquieto que ele havia criado, apenas um estranho anémico usando suas roupas e parte de suas fisionomias.

— Sim.

A noite acrescentava dramaticidade a sua visão enquanto as luzes das sirenes se pareciam com flashes infernais. O bombeiro com a mão posicionada na nuca de Hugo se assemelhava a um professor de creche controlando para onde o aluno iria. Amaro imediatamente tocou no pescoço de seu filho para tirar-lhe do poder do bombeiro, apoiando as costelas de Hugo em seus joelhos. A garganta de Amaro abrigava um nó que o afogava em palavras que não conseguia despejar.

De qualquer forma, Hugo não poderia escutá-lo.

Hugo estava gelado, muito gelado.

— Senhor Amaro, precisamos levá-lo. Se o senhor quiser pode nos acompanhar.

A aurora havia dado o ar de sua graça atrás de nuvens pesadas de chuva, um espetáculo escondido atrás de cortinas negras. Amaro acordou sobressaltado, assombrado pelos sonhos-memórias que feriram sua já abalada psique. Suas narinas e boca estavam submergidas em água e ele se afogava pateticamente com a chuva.

Algumas pessoas transitavam com seus carros pela rua, outros, trabalhadores do curtume, esperavam no ponto de ônibus, protegendo

suas cabeças com casacos. Alguns pássaros reclamavam do fenômeno corriqueiro com pios inocentes enquanto as gotas frias batiam no chão de concreto e no gramado, emitindo uma sinfonia violenta-suave. Amaro se levantou para partir antes que os curiosos diurnos pudessem aparecer.

Caminhou até sua casa em uma rua chamada Cristo Rei, um bom trajeto tendo como ponto de partida a praça onde estava. Usou o tempo da caminhada para se afogar um pouco mais nas águas da chuva, esperando pela mesma sensação que seu filho tivera naquele rio. Era estranhamente reconfortante e a atmosfera cinzenta o acalentava na tristeza solitária. Era bom saber que o mundo também chorava por sua dor mostrando as belezas do céu ao invés de palavras vazias.

Amaro passou por uma mãe e um filho que acordaram cedo demais para irem à escola, possivelmente haviam se confundido no horário, no qual um dos trabalhadores do curtume os alertou. Essa escola ficava nas proximidades de sua casa e se chamava João de Lima. As crianças que lá estudavam saíam das aulas para comprar salgadinhos na mercearia Sorriso, onde Amaro adquiria os produtos que necessitava no dia a dia.

Viu-se encurralado ao colocar-se diante de sua casa. Era uma moradia simples e pequena, de teto de madeira e um quintal divido em duas partes. Os muros eram brancos, o que com passar do tempo se tornou uma cor entediante e quase obscura, com lascas de tinta que caiam de

hora em hora, exibindo o reboco. Na parte direita havia um pequeno pedaço de terra, lá o mato crescia e se espalhava. Raramente Amaro possuía disposição para capinar aquela parte.

Amaro fechou o portão de ferro rapidamente, temendo encontrar seus vizinhos que sempre escutavam música eletrônica em um volume absurdo. Caminhou rapidamente pelo caminho que levava à porta de entrada e a destrancou.

Lembrava-se de que deixara aquela casa pela manhã, então esperou pela escuridão, já que não havia uma luz acessa ali. No entanto, o lar estava carregado por um peso maior do que o deixado pela falta de luz. Parecia uma casa estranha, sem vida, como se um ser vivente não morasse ali há anos.

Tão frio como o corpo de seu filho.

Caminhou com a cabeça baixa até seu quarto, onde poderia encontrar sua carteira em uma das gavetas do guarda-roupa. Não estava lá. Talvez tivesse a movido para o bolso de alguma calça suja no pequeno quarto onde jogava todas as suas tralhas. A mera possibilidade de ter que passar pelo quarto de Hugo quase o fez vomitar.

Mais uma vez caminhou com a cabeça baixa, levemente virada para a esquerda, evitando qualquer visão daquele lugar apodrecido com a essência do suicídio. Abriu a porta do “quarto da bagunça” e respirou

como um afogado que chegara à superfície. Puxou todas as gavetas com raiva e violência, amaldiçoando o destino por fazer-lhe de bobo de forma tão sádica. Agradeceu a natureza por ter plantado o som da chuva, acalmando-o ao menos minimamente.

A raiva crescia dentro de si, precisava de um simples objeto para sair daquele lugar, partir para a mercearia e comprar bebidas para inundar sua garganta. Talvez comprasse cigarros também, mesmo não querendo quebrar a promessa que fizera à Hugo. A TV não fornecia distração suficiente, as bebidas perderam seu efeito anestésico, precisava de seu vício mais errado para aquietar os pensamentos pontiagudos que perfuravam sua mente.

Achou o isqueiro no qual mentira que havia jogado fora, mas sua carteira ainda aparentava ter transpassado para outra dimensão. Fechou as portas com ódio, o que acarretou na queda de um objeto pesado.

O objeto abriu as portas de um dos armários novamente, caindo acompanhado por um barulho agudo. Parou inocentemente ali no chão, negro como o coração de um monstro; isso bastou para engatilhar balas de memórias tão negras como o objeto. Sentia-se como Proust observando a fatídica madeleine.

De forma súbita, viu-se de volta ao seu conturbado passado, flertando com a depressão assim como seu filho. Era como diziam: os filhos são

uma versão potencializada de seus pais. Amaro chegara tão perto do suicídio que pôde sentir seu hálito por alguns momentos, mas isso ficara no passado. Afastou-se daquele objeto amaldiçoado como uma criança assustada com um rato.

O dinheiro não importava mais. Correu dali, desejando nunca mais voltar para o lugar que antes chamava de lar.

— Você sabe que eu sempre pago! — contestou Amaro ao dono da mercearia que trabalhava no caixa para economizar dinheiro.

— Esse não é o problema, Amaro, o problema é você estar usando essas coisas para suprir a perda do seu filho! — reclamou Marcos, apontando para as duas garrafas de bebidas, um maço de cigarros e um pacote de salgadinhos. Amaro quase podia rir com a mediocridade que aqueles produtos carregavam; algo que seu eu do passado condenaria.

— Não é da sua conta a forma como eu trato o luto de meu filho, cuide de sua merceariazinha que eu cuido dos meus problemas!

— Amaro, não me faça usar o argumento de “não fazemos fiado” com você.

Amaro ignorou aquilo e pegou as duas garrafas de bebida, o maço de cigarros e o pacote de salgadinhos em um abraço infantil, saindo porta

afora. Amaro e Marcos eram amigos antigos, superariam aquilo e Marcos o perdoaria por conta do momento que Amaro estava passando, a briga verbal de nada valeria a não ser para tomar o tempo que o homem tinha para navegar nas águas pretas do luto e do martírio.

Quando adolescente, jurara que não seria como sua mãe, uma alcoólatra relapsa. Mas os problemas e a ilusão mental da sociedade de que a bebida o faria esquecer os seus demônios ao menos por algumas horas o tomou e ele se tornou um sábio tentando voltar à beleza da ignorância. Realmente funcionava por algumas horas, porém não havia mérito algum naquilo, sua mente não estava treinada para superar os problemas sem a companhia do álcool, se tornara mimado, uma criança que precisava da chupeta, usando qualquer desculpa para chorar e adquirir o objeto desejado. Via-se preso no cliché do artista viciado.

Sentou-se no chão, com as costas encostadas no muro da escola João de Lima. Abriu a garrafa e bebeu como água. As chamas do álcool e a vibração do muro com os gritos das crianças se divertindo na quadra em suas costas quase o faziam se sentir vivo, como se nunca houvesse se afogado no rio.

Seu filho morrera afogado, não ele. Esquecia-se disso algumas vezes.

Capítulo três

O gênio maligno

Amaro nasceu num lar...

Amaro nasceu...

Amaro existiu em 1976, a década do cigarro, em um hospital público. Filho de uma dançarina de boate do cunho mais impuro. Chorara, mas não havia nascido ainda, fora amamentado, mas não possuía nenhum anseio pela vida. Talvez as crianças saibam de seu futuro. Saberia ele que não teria uma boa infância? Que sua mãe lhe daria bebidas aos seus oito anos para acalmá-lo, pois não sabia cuidar de um filho bastardo? Que era filho de um pai desconhecido, provavelmente enterrado como indigente?

Largara a escola, no entanto, sentia que nunca estivera nela de verdade. Tinha paixão por conhecimento, mas talvez o conhecimento não o amasse por estar sempre tão longe dele. Começou a trabalhar, foi sugado nessa realidade durante toda vida, produzia, mas via que não produzia nada de útil. Tinha uma fácil comunicação com as pessoas, no

entanto não possuía interesse em conhecê-las a fundo. Apesar de sua mãe tomar todo seu dinheiro, sempre arranjava uma brecha para comprar um livro, a única coisa que o tirava da realidade sugadora.

As manchas de sol e a falta de sorrisos em sua expressão que tornava os músculos de sua face flácidos acrescentavam anos a mais em sua aparência. Possuía braços grossos, assim como sua barriga, o primeiro ajudou-lhe na sua futura profissão. Antigamente, Amaro trabalhava na administração de um escritório genérico, posição que agradecera muito a Deus por ter conseguido mesmo com sua baixa escolaridade. Isso até mesmo o ajudara a completar seus estudos.

Sentia algo dentro dele borbulhar, mas não sabia pôr esse sentimento para fora, deixando então as borbulhas corroerem seu interior. Deixara sua mãe afundar na bebida, cansado de suas mentiras e vícios e como isso só aumentava seu vazio. Mergulhava nas letras, cada vez mais fundo. Faltava de quando em quando no trabalho, avisando que estava doente para poder ler mais. Foi então que encontrou o mesmo vício de sua mãe como uma válvula de escape.

Bebia apenas de noite, quando sua solidão se agravava. Saía para encontrar mulheres, porém nenhuma lhe satisfazia o suficiente para tapar o buraco. Nada parecia funcionar da forma que Amaro precisava. Tudo parecia tão vazio.

Seus problemas alcoólicos se agravaram quando recebeu a notícia que sua mãe desaparecera. Foi demitido por ter chegado uma semana inteira bêbado ao trabalho. Dedicou seu tempo livre para achar sua mãe a partir de pistas em sua antiga casa e acabou encontrando pistas do que ele poderia ser.

Sua mãe havia contado que aquela máquina de escrever era de seu pai, um jornalista. Poderia me estender nas tragédias familiares, contando como cada geração se tornou uma pessoa conturbada e problemática, mas isso tomaria um tempo precioso e soaria como uma desculpa para justificar como cada um deles destruiu a si mesmo. De qualquer forma, Amaro pegou aquela máquina e colocou o papel, sem saber ao certo o motivo daquelas ações; era como se estivesse encantado.

Amaro digitou as primeiras palavras e sentiu seu corpo explodir. Continuou, até que seu corpo inteiro fosse temperado naquela droga. Primeiramente digitava tudo de forma desajeitada, porém após alguns momentos tudo se moveu naturalmente, como uma máquina enferrujada que recuperara a lubrificação. Era emocionante ver as letras pretas mancharem a página branca. Sua mente parecia livre, não se sentia mais sozinho como antes. E tudo se fez em silêncio.

Terminara a primeira página em apenas alguns minutos. Tirou-a da máquina e colocou-a no chão ao seu lado para começar a segunda página. Quando deu por si não estava pensando em sua mãe ou no

trabalho que perdera, e isso o fez sentir culpado por não estar mal. Amaro colocou as oito páginas no mesmo lugar, aliando-as precisamente enquanto tentava achar o menor resquício de sofrimento. Despejara toda a dor que havia dentro de si e cuspira ela na história, sem deixar uma gota para se torturar durante o resto do dia.

Leu o que escreveu e achou muitas coisas prolixas, em outras partes parecia narrar com velocidade demasiada, no entanto sabia que havia algo de bom ali, se praticasse. Escreveu mais algumas páginas e deitou-se no chão.

Adormecera para saber que no dia seguinte sua mãe fora encontrada.

Amaro acordou ainda encostado no muro da escola, com a bebida na mão, cigarros em seu bolso e comida ao seu lado. As crianças já saíam da escola, algumas bem pequenas. Mal sabiam elas das maldades que o mundo contém e de como o homem que elas encaravam estava mergulhado profundamente nesse mar de piche.

Levantou-se, tentando fugir dos olhares que tanto odiava.

Caminhou de novo. Gostava de caminhar, preferia o fazer na chuva, mas todos precisam presenciar a luz do sol na pele de vez em quando. Não possuía rumo algum além do auto martírio, então decidiu de uma

vez ir à escola em que seu filho estudava, esperando encontrar alguma coisa que faria toda a dor desaparecer.

Revessava dois passos e um gole na sua garrafa de bebida, engolindo os pensamentos que mais doíam, deixando apenas as memórias felizes virem à mente; quando ele descobriu sua capacidade para escrever, quando foi à um pesqueiro e fisgou seu primeiro peixe, quando viu pela primeira vez o rio...

Gole.

Sentia que estava adquirindo o andar de bêbado, tantas vezes zombado. O andar daquele que não sabe para onde ir. Olhava para o céu, com o sol saindo de trás das nuvens que antes chicoteavam o chão. Bradou para ele:

— Por que me olha? Por acaso se diverte? Diverte-se por ver meus genes do suicídio? Como todos são infeccionados pelo mal que passa por meus poros? Se nos ama, como dizem todas as religiões, que um dia todo o sofrimento irá acabar e que um dia alcançaremos um lugar sem dor e arrependimentos, e que tudo que nos machuca irá desaparecer para vivermos uma eternidade com aqueles que amamos, como pôde deixar meu filho morrer? Meu filho se matou! Ele está no inferno! Minha mulher se matou! Ela está no inferno! Seria o inferno o único lugar que eu o iria encontrá-los? O lugar onde só há ranger de dentes? O

que fiz para você? Por que me olha e nada faz? Por que deu a essência da fênix para os sonhadores? Para queimarmos e queimarmos até não aguentarmos mais nos levantar das cinzas? Para um dia desejarmos manter nossas formas de cinzas pela eternidade? Queríamos desistir, você sabia como queríamos, mas nossa alma não deixava, nosso corpo se rasgava, nossos gritos afogados pelos supérfluos. Clamávamos por um pouco de paz, mas tudo doía como a mais mortífera das guerras. Por favor, eu não aguento mais! Eu não aguento! Toda minha alma doí, todo meu corpo se desfalece, eu não estou vivo, nunca nasci! Pelo amor que mentem que você tem por mim, tire essa dor e traga de uma forma sobrenatural minha esposa e filho e eu aprenderei tudo que não sabia quando estavam comigo.

O sol apenas o encarou. O céu não se movia a não ser pelas nuvens que se esticavam para o horizonte.

— Você é mesmo o que todos dizem? O misericordioso? O bondoso? Então pare de me ressuscitar, me deixe nas cinzas que se tornou minha vida. Gênio maligno? Diverte-se com o nosso sofrimento? Nada fiz; ninguém eu feri, apenas fui um jovem que possuía um desejo, queria amar a esposa como deveria, queria amar o meu filho como deveria. Não pude pela fraqueza do meu corpo. Talvez minha alma seja forte, mas meu corpo sofre. Libere-me da prisão platônica, já sofri pelo

cárcere por tempo demais, me leve para fora dessa loucura, um lugar onde a dor não consiga nos alcançar nunca mais.

Tropeçou em suas próprias pernas e caiu.

— O senhor tá bem?

Amaro acordou de um profundo mar de esquecimento. Tinha caído, não havia especificamente dormido ou desmaiado. Não se lembrava do motivo de estar ali deitado por tanto tempo.

— Sim. Acho que sim.

— Tem certeza?

Era um garoto da idade de Hugo que fazia as perguntas. Era o horário em que as crianças saíam da escola para fazer algo que realmente lhes interessava pelo resto do dia. Amaro estava rodeado por um grupo de jovens vestidos com os uniformes azuis da escola Nair Palácio. Uma das garotas do grupo exclamou:

— Eita, é o pai do garoto que se matou! Eu vi no jornal!

— Nicole, por favor, tenha um pouco de semancol! — ralhou o garoto que antes fazia as perguntas. — Sou Júlio.

Júlio ofereceu a mão quando Amaro não havia nem mesmo notado que ainda estava esparramado no chão. Amaro aceitou a ajuda de bom grado para sair daquela situação humilhante.

— Sou Amaro, pai do garoto que se matou, — disse aquilo com a boca virada para o lado, temendo que aqueles adolescentes sentissem seu hálito alcoólico. Nicole ruboresceu levemente. — Desculpe, vou embora. Só queria achar mais coisas sobre meu filho.

Amaro fez menção de se virar para partir quando Júlio o interrompeu pegando em seu ombro.

— Espera, nós sabemos algo sobre seu filho. Mas acho que o senhor já deve saber disso.

O alcoólatra se aproximou de Júlio em apenas dois passos largos, agarrando os ombros do pobre garoto logo em seguida, já não ligando para o odor de sua boca. — Me conte! Me conte agora, é tudo que preciso!

— Ele visitava orfanatos toda semana. Na verdade é por isso que estamos indo para um agora, um projeto para a professora Brisa de Sociologia da nossa escola. Ela pensava que ele fazia isso por bondade, mas meio que sabíamos que ele fazia isso pelo livro dele.

Ele não sabia disso. Claro que não sabia, era o pai mais deplorável que o mundo poderia conhecer. Seu filho ia a orfanatos. Seu filho escreveu um livro sobre órfãos? Sinceramente não conseguia se lembrar, mesmo Amaro conhecendo todos os trabalhos de seu filho. Afinal, o que diabos Hugo estava fazendo em um orfanato? Uma pesquisa, talvez? Hugo poderia ser um adolescente bom, porém não ao ponto de ser tão altruísta.

— Se o senhor quiser pode nos acompanhar, — Sugeriu Nicole, tentando recompensar pela forma rude que se referira a Amaro.

Ele pôde sentir os olhares de reprovação com relação à sugestão de Nicole dos outros adolescentes sobrecarregando-o. Não se importava mais. Tornara-se egoísta o suficiente para não se importar com o desprezo juvenil.

— OK.

capítulo quatro

Órfãos de pais e de filhos

O abrigo St. Barbara Rute era um lugar simples que podia facilmente ser confundido com uma casa comum naquele bairro, um pouco maior que normal. As placas que informavam o nome do abrigo se mantinham na parte externa enquanto o barulho das crianças se expandia para o exterior da instituição.

O local fora pintado numa coloração bege que chocava contra a cor vermelha desbotada do telhado. As janelas eram simples, de metal e vidro, assim como a porta de madeira envernizada. Logo na entrada do local era possível ver as enormes árvores da parte de trás do abrigo, que deixavam cair suas folhas sobre a parte superior da casa.

Os cuidadores e voluntários receberam os jovens de bom grado e Júlio informou que Amaro estava ali para ajudar também. No caminho para o abrigo, Amaro conseguiu ajeitar sua aparência para que se parecesse o menos possível com um alcoólatra fracassado, no entanto, os

voluntários o deixaram entrar por ser pai do garoto suicida que visitava o orfanato. Os títulos dados a Hugo só aumentavam.

Não era apenas a área exterior, mas o interior do local também parecia com uma casa normal, com ladrilhos simples que levavam à entrada e um pequeno gramado onde as crianças brincavam. Amaro viu tudo aquilo com certa admiração.

— Eles fazem isso para parecer que estamos numa casa normal, — uma criança disse atrás dele. Não parecia ter mais de dez anos. — Você parece aquele cara que vinha aqui.

— Hugo?

— Talvez, não perguntei o nome dele e ele nunca perguntou o meu.

— Qual o seu nome?

— Jonas, como o que foi engolido pela baleia. — Jonas comentou, com um sorriso orgulhoso, como se ele mesmo houvesse sido engolido pela baleia.

Amaro caminhou até ele. Todas as crianças pareciam usar roupas de segunda mão, levemente sujas pelas brincadeiras na parte de trás da casa-abrigo, porém aquela criança emanava um ar diferente. Algo cansado em seu olhar não combinava com sua aparência de nove anos.